

ENSAIO TEÓRICO

Aquisição prosódica inicial: uma proposta de estágios

Andressa Toscano Moura de Caldas Barros de ALMEIDA 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Luma da Silva Miranda (ELTE)
- Carolina Gomes da Silva (UFPB)
- Manuela Carnaval (UFRJ)

AVALIADO POR

- Maristela Pinto (UFRRJ)
- Vitor Gabriel Caldas (UFRJ)

SOBRE OS AUTORES

- Andressa Toscano Moura de Caldas Barros
Escrita – análise e edição.
- Ester Miriam Scarpa
Supervisão.
- Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Supervisão.

DATAS

- Recebido: 30/10/2023
- Aceito: 23/02/2024
- Publicado: 27/05/2024

COMO CITAR

Barros, A. T. M. C.; Scarpa, E. M.; Cavalcante, M. C. B. (2024). Aquisição prosódica inicial: uma proposta de estágios. *Revista da Abralín*, v. 23, n. 2, p. 98-124, 2024.

Ester Miriam SCARPA 

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Marianne Carvalho Bezerra CAVALCANTE 

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

RESUMO

Atenção crescente tem sido dada, nos últimos anos, aos estudos que privilegiam a prosódia, reconhecendo o valor deste aspecto da linguagem na interação. Sabe-se, portanto, que a prosódia não só abrange as estruturas suprasegmentais das línguas, mas que também é responsável pelo sistema de ritmo, tom e entonação (SCARPA, 1999). Dessa forma, elegemos a prosódia como um todo, e a entonação em particular, como objeto de estudo dentro de aquisição de linguagem. Buscamos, assim, tratar do primeiro sistema entonacional da fala de uma criança em quatro momentos de funcionamento (balbucio, jargões, primeiras palavras e blocos de enunciado), caracterizando e mapeando o seu desenvolvimento entonacional de 1;0 a 1;6 anos de vida, com dados coletados naturalística e longitudinalmente e tratados com os softwares PRAAT e Elan. Assim, em nossas análises, observamos que mesmo os enunciados de uma sílaba do nosso sujeito não são produzidos num vácuo entonacional. Ao analisar o desenvolvimento tonal do nosso sujeito, percebemos que os primeiros contornos distintivos do seu sistema entonacional são do tipo ascendente ou descendente, e foi só a partir de 1;4 que as primeiras palavras da criança tiveram variação de altura reconhecidas como diferentes atos de fala, e apenas aos 1;6 mapeamos uma expansão de tons, com variações ascendentes, descendentes, ascendentes-descendentes e descendentes-ascendentes em sua fala.

ABSTRACT

In recent years, increasing attention has been given to studies that focus on prosody, recognizing the value of this aspect of language in interaction. It is known, therefore, that prosody not only covers the suprasegmental structures of languages, but is also responsible for the rhythm, tone and intonation system (SCARPA, 1999). In this way, we chose prosody as a whole, and intonation in particular, as an object of study within language acquisition. We therefore seek to address the first intonational system of a child's speech in four moments of functioning (babbling, jargon, first words and utterance blocks), characterizing and mapping their intonational development from 1;0 to 1;6 years of life with data collected naturally and longitudinally and processed with PRAAT and Elan software. Thus, in our analyses, we observed that even the one-syllable utterances of our subject are not produced in an intonational vacuum. When analyzing the tonal development of our subject, we noticed that the first distinctive contours of his intonational system are of the rising or falling type, and it was only from 1;4 onwards that the child's first words had pitch variations recognized as different speech acts, and only at 1;6 do we map an expansion of tones, with ascending, descending, ascending-descending and descending-ascending variations in his speech.

PALAVRAS-CHAVE

Interação. Aquisição de linguagem de criança. Prosódia. Entonação. Desenvolvimento entonacional.

KEYWORDS

Interaction. Child Language acquisition. Prosody. Intonation. Intonational development.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este ensaio apresenta uma proposta teórica de funcionamento da aquisição da prosódia por crianças. Mostramos o primeiro sistema entonacional da fala de uma criança em quatro momentos caracterizando e mapeando o seu desenvolvimento entonacional de 1;0 a 1;6 de vida. Observamos que apenas depois de 1 ano a criança apresentou variações em sua entonação demonstrando que prosódia inicial da criança é rica e já se encontra submetida ao funcionamento de sua língua materna.

Introdução

Os estudos em aquisição da linguagem têm suscitado um crescente interesse em pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Dentre as várias teorias que têm se voltado ao estudo da aquisição da linguagem, salientamos aquela que explica como a criança adquire ou aprende a sua língua materna através da fala dirigida a ela. Neste sentido, atenção especial tem sido dedicada ao papel da prosódia na aquisição de linguagem tanto do ponto de vista da produção, quanto do ponto de vista do processamento da fala dirigida à criança.

Este ensaio volta-se a compreender melhor como se dá a entrada da criança na língua via pistas prosódicas adultas, assumindo e complementando o trabalho de Cavalcante (1999) e Scarpa (1999), observando quatro momentos do funcionamento da fala infantil: balbúcio, jargão, primeiras palavras reconhecíveis e blocos de enunciado.

1. Prosódia e entonação em aquisição da linguagem

Quando falamos ou lemos, até mesmo em silêncio, um movimento “musical” acompanha, inevitavelmente, nossas palavras, constituindo a entonação da frase. A entonação escolhida pelo falante carrega informação linguística e desempenha uma gama variada de funções. Assim, é preciso atribuir à entonação um lugar de destaque por suas características universais, haja vista que todas as línguas têm entonação, e também por seu papel importante como elemento suprasegmental, uma vez que é possível estudá-la de diferentes perspectivas, isto é, em interface com outras áreas do conhecimento.

Na literatura, a entonação tem sido definida de pelo menos duas maneiras diferentes, a primeira é restrita e iguala entonação a “melodia de fala” restringindo-a ao “conjunto de variações relativas à periodicidade da vibração das pregas vocais no curso de uma expressão vocal” (T HART et al., 1990). Assim, o papel da entonação é tanto destacar (highlighting), marcando as proeminências da fala; como também dividir o discurso em frases (phrasing). Já uma definição ampla, inclui intensidade, duração e qualidade de voz (GRICE & BAUMANN, 2007).

O modelo adotado por Cruttenden (1997) é a versão mais recente de uma longa tradição britânica que representa a entonação em termos de contornos, tais como descendente e ascendente - descendente, enquanto para Crystal (1975) a entonação não é um sistema único de contornos e alturas, mas sim o produto da interação de traços de diferentes sistemas prosódicos: tom, âmbito de altura, intensidade, ritmo e duração. Balog, Roberts e Snow (2009) afirmam que a entonação é usada para marcar funções pragmáticas nas expressões, sendo este um dos primeiros aspectos fonológicos a se desenvolver. Pesquisa a esse respeito (D'ODORICO, 1984) concluiu que crianças entre 4 a 8 meses adquirindo italiano usaram diferentes direções de altura para distinguir tipos de choros. Assim, choros que indicavam pedidos ou chamados tinham altura ascendente, enquanto aqueles tidos como choro de desconforto tinham curva de altura descendente.

Em aquisição de linguagem, tanto trabalhos acerca de percepção bem como os que tratam de dados de produção (SCARPA 1999, 2007; CAVALCANTE, 1999) têm demonstrado que a criança é sensível a essas facetas da prosódia/entonação na entrada para a linguagem. Logo, existem ainda indícios apontados na literatura de aquisição da linguagem de que pistas prosódicas orientam a criança na percepção, no processamento da fala dirigida (ou não) a ela desde os primeiros meses de vida, bem como na interpretação dos enunciados da criança pelo outro.

Neste ensaio a relevância da prosódia se dá a partir do papel atribuído a este recurso em aquisição da linguagem, que consiste na compreensão da interação social do bebê com seus pares, por meio de listagens de parâmetros prosódicos presentes no *input*, bem como pelas modificações de tais parâmetros na fala dirigida à criança (manhês). Além disso, tanto se constituem como uma via privilegiada do engajamento da criança no diálogo e nos processos de subjetivação, quanto constitui um fator coesivo na organização da forma fônica e nos princípios de estruturação fonológica (SCARPA, 1988).

As pesquisas em aquisição de linguagem, sobretudo em aspectos prosódicos da fala da criança ou da fala materna dirigida a ela (CAVALCANTE, 1999) têm sido de grande relevância para área. Dentre algumas análises, é fato que a prosódia é um espaço privilegiado da interface entre componentes linguísticos (SCARPA, 2009) e é através de pistas prosódicas que o infante se estrutura na língua.

Cavalcante (1999), em um trabalho pioneiro, afirma ser a fala dirigida à criança facilitadora no processo de desenvolvimento da linguagem infantil já que o adulto atua como parceiro conversacional do infante, inserindo-o na língua. Segundo Cavalcante (1999) a hipótese do manhês, apresentada por Newport & Gleitman (1984) surgiu para testar o efeito da fala materna no desenvolvimento linguístico dos infantes. Em seu trabalho, Cavalcante (1999) mostra que é através de contextos interativos com os pares que cercam o bebê que ele vai constituindo sua língua(gem) ao longo do tempo. Num primeiro instante, o foco é o próprio bebê: A mudança estrutural na qualidade interacional, ao longo do primeiro ano de vida, reflete-se não só na constituição do bebê como um parceiro mais ativo, mas também na fala da mãe a ele dirigida. Quer dizer, diante da não atividade vocal inicial do bebê, nos primeiros meses, o foco de atenção é o próprio infante (CAVALCANTE, 1999). A autora mostra, portanto, as modulações da voz materna e mudanças de posição da criança em relação a estas. Vale salientar que mudanças na fala dirigida à criança se dão em contextos variados seja para chamar a atenção da criança ou até mesmo como forma de acalmá-la. Para Scarpa (2007) tais modulações se tornam uma porta ótima de entrada da criança na língua.

Muitos trabalhos a classificam este “tipo” de fala como *Baby-talk* por ser ela simplificada sintática, semântica e fonologicamente se comparada com a fala normal do adulto (SNOW, 1977).

Para Cavalcante (1999) esta apresenta diferenças em relação à fala dirigida ao adulto e tem por características pequenas sentenças gramaticais, uso de repetições, sintaxe simplificada, altura elevada, entonação exagerada e grande quantidade de perguntas e sentenças imperativas, além de léxico infantilizado e a modificação de certos segmentos. Tais características são utilizadas devido às possíveis dificuldades linguísticas das crianças pequenas.

Guarnica (1977) em um trabalho pioneiro analisou a presença das características da fala dirigida a criança e afirmou que crianças mais velhas não recebem quase nenhum ajuste prosódico como os

descritos acima. Características como âmbito de altura elevada, tessitura expandida para alturas bem altas e bem baixas foram encontradas em várias línguas européias, no chinês e japonês. Assim, o “baby talk” é endereçado à criança pequena, composto de muitas repetições, imperativos, sentenças pequenas e elevação do âmbito de altura (CAVALCANTE,1999).

O termo fala dirigida a criança, tenta, segundo Cavalcante (1999) resgatar o papel da criança como parceiro ativo no processo de interação. Assim, para esta perspectiva, são levados em consideração aspectos sociais de interação e o caráter facilitador desse tipo de fala, uma vez que o adulto é tomado como parceiro conversacional envolvendo a criança em uma troca interverbal, facilitando assim o desenvolvimento da linguagem (SNOW, 1997).

Pesquisas como a de Stern, Spieker e MacKain (1982) encontraram variações de altura em diversas situações de interação mãe-bebê. Os autores afirmam que contornos ascendentes, ascendentes-descendentes e bell-shaped (sinusoidal) são ótimas pistas auditivas no engajamento da criança na interação. Vejamos por exemplo o espectrograma abaixo, com uma curva sinusoidal:

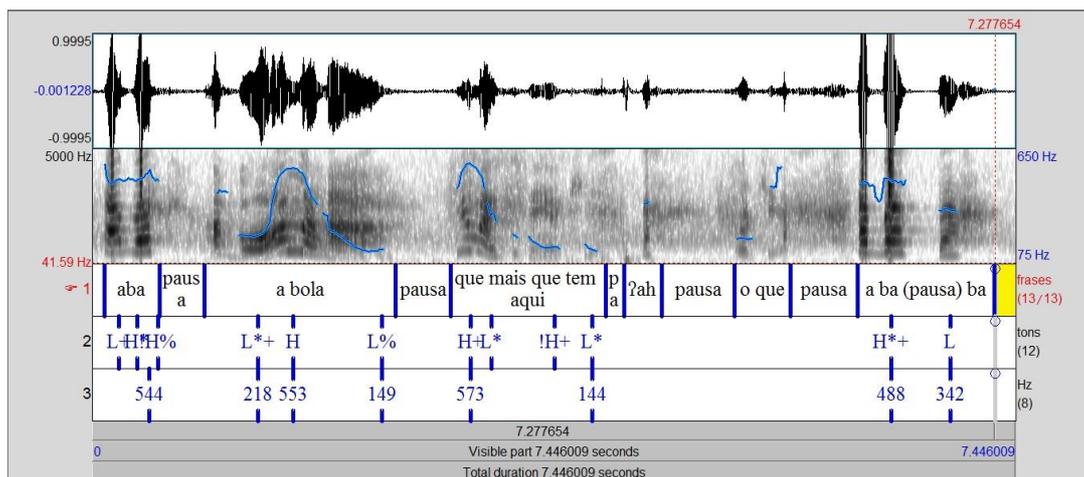


Figura 1 – Exemplo de curva sinusoidal
 Fonte: Scarpa (2011)

O exemplo acima trata-se de um excerto de diálogo entre o adulto (a avó) e a criança (A.), em que se podem ver algumas características prosódicas do “manhês”. Vamos nos deter nos dois primeiros enunciados, o primeiro da criança e o primeiro do adulto na sequência. O adulto retoma o enunciado da criança (abá), interpretando-o e glossando-o como “a bola”, interpretação esta possibilitada por um jogo de nomear figuras num livrinho de gravuras. A frequência fundamental (altura) absoluta da voz da criança é alta, atingindo um pico de 544 Hz. A retomada do adulto, com uma curva sinusoidal, que em sua comunidade de fala é interpretado como um contorno exclamativo, tem um formato em sino, começando com 218 Hz e subindo até atingir um pico de altura ainda mais alto que o enunciado da criança: 553 Hz, baixando o contorno para um ponto final em 149 Hz. Em outras palavras, o contorno sinusoidal mostra um âmbito de altura bastante alargado, na fala do adulto dirigida à criança, um dos traços reconhecíveis como característica do manhês.

Assim, as pesquisas têm buscado entender as características do manhês e os motivos pelos quais os bebês a preferem em detrimento de outras. Fernald e Kuhl (1987) mostraram em experimento com crianças de 4 meses de idade, que estas, quando apresentadas a sinais da fala normal do adulto e a fala dirigida a criança, demonstraram preferência pelos sinais derivados do manhês.

Não duvidamos que o manhês tenha características únicas, e deixe que o bebê seja “seduzido” pelos elementos presentes na fala da mãe, isto é, pelos traços prosódicos que esta produz em sua fala, muito mais do que pelo conteúdo linguístico propriamente dito. Tais pistas prosódicas adultas têm servido de análise para muitas pesquisas de diferentes bases teóricas e com diferentes propósitos.

Pesquisas como a de Kaplan *et. al.* (2002) buscaram encontrar diferenças entre a fala dirigida a criança por mães depressivas e sem depressão e o *feedback* dos infantes às respectivas falas. Resultados mostraram que as mães depressivas usavam uma prosódia bem menos “exagerada” do que a típica do manhês e que, por causa disso, a prosódia “reduzida” chamava menos a atenção da criança, que não respondia, não reagia à interação. Ao contrário do que acontecia quando a criança era exposta à prosódia de uma mãe não depressiva, porém, não familiar.

1.1 Hipótese top-down de aquisição da prosódia

A hipótese *top-down* se justifica por demonstrar que a criança trabalha com a organização prosódica desde cedo, lidando primeiro com a entonação até chegar à sílaba, ou seja, os domínios prosódicos superiores estão disponíveis à criança antes que ela comece a trabalhar com a grade métrica (SCARPA, 1997). Logo, unidades prosódicas compostas por uma sílaba nuclear ou palavras mínimas formadas por um pé binário, que têm a sua estrutura própria, não são fragmentos lexicais isolados, mas sim unidades prosódicas de domínios superiores, isto é, frases entonacionais ou enunciados fonológicos. (SCARPA, 1999).

De acordo com Scarpa (1999) tal hipótese é sustentada de acordo com os princípios da fonologia prosódica, qualquer que seja ela, baseada nas teorias de inspiração pré ou não gerativa, ou pelas mais recentes (NESPOR e VOGEL, 1986; SELKIRK, 1984, CRUTTENDEN, 1986) em que a estrutura prosódica pode ser preenchida por uma sílaba na forma da superfície, isto é, nos níveis mais altos da hierarquia, independente da complexidade sintagmática, contanto que tal sílaba seja portadora do acento nuclear e de um contorno entonacional. Vejamos dois dos seus argumentos:

1. Estudos translinguísticos têm mostrado que tão logo as primeiras produções parecidas com as do adulto apareçam, os enunciados de uma sílaba tendem a ser evitados. Contudo, mesmo que a criança só produza *core syllables*, estas não são geradas num vácuo entonacional. Isto é, desde as primeiras palavras um conjunto de contornos é produzido pela criança. Tais contornos podem ser portados tanto por formas semelhantes a palavras da língua adulta, como por produções do tipo *balbucio tardio* (SCARPA, 1999) ou *late/ varigated babbling* (OLLER, 1980).

2. As produções de uma sílaba da criança coincidem com os enunciados adultos que portam o acento nuclear, uma unidade ótima de percepção.

Segundo a autora, a hipótese *top-down* traz vantagens sobre a *bottom-up* na aquisição da prosódia. Considerar que a criança tem acesso à estrutura prosódica desde o começo traz mais forças para argumentos a favor da variabilidade inter e intrafalantes, pois ela pode estar subindo ou descendo nos domínios prosódicos. Assim, na fala inicial, a prosódia é a ponte entre o som e o significado, isto é, diálogo e formação gramatical fônica, guiando a criança em direção à estruturação de uma possível gramática prosódica.

2. A prosódia infantil: uma proposta de análise

Analisar a prosódia “madura” do adulto, já estruturada dentro das regras fonológicas de uma determinada língua é um trabalho mais acessível do que da prosódia ainda em processo de estruturação da criança pequena. Nos propomos, então, a compreender como se dá essa entrada da criança na língua via pistas prosódicas adultas, assumindo e complementando os trabalhos de Cavalcante (1999) e Scarpa (1999), observando o que chamamos de quatro momentos do funcionamento da fala infantil.

Para isso, acompanhamos o processo de aquisição de linguagem do nosso sujeito V., e propomos quatro estágios de desenvolvimento, que chamamos de: balbucio, jargão, primeiras palavras e blocos de enunciados. Assim, apresentaremos uma amostra da nossa proposta, e em seguida uma discussão concernente a cada um dos estágios, que irá fornecer as bases para examinarmos nossos dados à luz dos momentos propostos.

A tabela abaixo mostra como dividimos os “momentos” de aquisição, iniciando com a coluna indicativa da sessão e idade da criança. Todas as produções infantis relevantes para a nossa análise foram listadas e categorizadas de acordo com as colunas da tabela.

SESSÃO/ IDADE	BALBUCIO	JARGÃO	PRIMEIRAS PALAVRAS RECONHECÍVEIS	BLOCOS DE ENUNCIADO

Tabela 1 – Modelo adotado para a proposta de estágios.

Fonte: as autoras (2024)

Para justificar como categorizamos cada uma das produções, discutiremos, a seguir, o que a literatura tem dito a respeito dos estágios de aquisição.

2.1 Balbucio

Locke (1995) define o balbucio como sendo a produção de sílabas que têm, tipicamente, o formato consoante vogal, por exemplo [ma, da, ba]. Para o autor, tais sílabas são muitas vezes repetitivas e têm um certo ritmo.

Alguns autores defendem que o balbucio é puramente fisiológico. Locke (1983) em pesquisa concluiu que todas as crianças balbuciam da mesma maneira. Pesquisadores como Oller e Eilers (1982), buscando diferenças, compararam o balbucio de crianças falantes de inglês e crianças falantes de espanhol e não as acharam.

Corroborando a definição dada por Locke, Oller (1980) diz que o balbucio começa no estágio em que sequências de consoante e vogal estão de acordo com os padrões rítmicos e são percebidos como “speech-like in timing”, isto é, parecidos com a fala no que se refere à velocidade de fala/ ritmo.

Há ainda uma distinção de tipos de vocalizações do balbucio, isto é, autores dividem o balbucio em dois momentos: o balbucio canônico e o balbucio “variado”. O balbucio canônico começa, portanto, por volta dos sete meses (OLLER, 1980; SALKIND, 2002) e trata-se de sequências repetidas de consoantes e vogais. É silábico e em sua maioria é composto por oclusivas, nasais e glides (DROMI, 2002). Já no balbucio variado, tem-se sequências de consoantes e vogais que não se repetem, por exemplo [ada, ta, e].

Há ainda o termo balbucio tardio que se refere ao momento em que a criança é capaz de produzir diferentes contornos relacionados a diferentes atos de fala, possuindo material segmental constituído de palavras parecidas com as do adulto (DORE, 1975).

O balbucio tem, portanto, um papel importante para a aquisição da linguagem. A esse respeito Locke (1995) defende diversos motivos pelos quais o balbucio facilita o desenvolvimento da linguagem. Em primeiro lugar, o autor diz existir uma continuidade substancial entre o balbucio e a fala. Em segundo lugar, o autor afirma que pode haver uma ligação entre a idade do início do balbucio e o progresso posterior do desenvolvimento lexical. Em terceiro lugar, o autor mostra que aos bebês aos quais foi negada a oportunidade de balbuciar de forma audível, as vocalizações aparecem de forma menos complexa do que o esperado. O autor ainda aponta que é provável que através do balbucio o bebê desenvolva e se familiarize com seu próprio repertório exclusivo de sons da fala e de formatos silábicos, além de poder sintonizar seu sistema de orientação vocal.

Para nossa proposta, o balbucio é um estágio que abarca tanto o balbucio canônico, quanto o variado ou tardio.

2.2 Jargão

Diferente do balbucio, pouco se encontra na literatura a respeito do jargão (OLLER, 1980; DROMI, 2002; SCARPA, 2007). O que parece é que, apesar de estar presente no processo de desenvolvimento linguístico da criança, pouca atenção tem sido dada a ele, quer seja pela falta de consistência teórica a respeito, quer seja pela dificuldade encontrada para trabalhar com os dados de jargões de fala infantil.

Oller (1980) se refere ao jargão como “gibberish” e o define como uma sequência sonora produzida pela criança que soa como uma sentença adulta, mas sem palavras reconhecíveis.

De acordo com Dromi (2002) os jargões, ou balbucio entonacional como também é usado pela autora, aparecem na fala infantil em torno dos 12 ou 13 meses de idade. São, então, longas sequências de sílabas que contêm padrões de acento e entonação variados e variáveis. Soam como enunciados completos que carregam conteúdo de afirmações ou perguntas, ocorrendo, muitas vezes, concomitantes a palavras reais. No entanto, os jargões não apresentam conteúdo linguístico ou estrutura gramatical (DROMI, 2002. p. 46).

Scarpa (2007) os define como quando o contorno entonacional se estende a uma cadeia de sílabas ou um longo fragmento composto por sílabas ininteligíveis. Passa de balbucio tardio a jargão quando a entonação é considerada mais madura e os contornos são preenchidos por sílabas tipicamente da fase do balbucio, mas reconhecíveis como intenção comunicativa pelos adultos, que sempre lhe atribuem significado de uma frase ou sentença.

Mostraremos em nossos dados que os jargões aparecem simultaneamente ao balbucio, sem sobrepor-los, indicando um estágio a mais na aquisição prosódica.

2.3 Primeiras palavras

O terceiro momento definido em nossa proposta é o das primeiras palavras reconhecíveis do nosso sujeito V. Assim, consideramos nesse período as produções infantis contendo enunciados de uma palavra, que já nem são balbucios nem puramente jargões, visto que as consideramos reconhecíveis na língua adulta e interpretáveis pelo interlocutor. Além disso, as produções de uma palavra já carregam traços entonacionais da língua madura e não sendo apenas uma massa fônica “ininteligível”.

Vihman e Vihman (2011) afirmam que as primeiras palavras das crianças são alvos típicos daquelas da língua adulta, sendo surpreendentemente corretas. Já para Tomasello (2006) a função comunicativa das primeiras palavras das crianças reflete aspectos integrais da realidade para a criança, ou seja, desde muito cedo a criança se comunica vocal e gestualmente com as pessoas que a cercam e, as primeiras expressões linguísticas da criança são aprendidas e usadas no mesmo contexto em que elas usavam a comunicação não-linguística e pelos mesmos motivos, i.e. declarações/afirmações, imperativos/pedidos e logo as interrogações/perguntas também são aprendidas pela criança.

Assim, segundo Tomasello, as primeiras palavras podem ser vistas como holófrases, que transmitem uma intenção comunicativa holística e na maioria das vezes a mesma intenção comunicativa da expressão do adulto de quem ela aprendeu (BARRETT, 1982; NINIO 1992).

Já que os enunciados de uma palavra se enquadram dentro do que é chamado holófrase, consideramos, em nosso trabalho, as holófrases dentro do período das primeiras palavras reconhecíveis do sujeito V. e trataremos delas em seguida.

2.4 Blocos de enunciado

Este é o estágio de aquisição em que a criança alterna a produção de holófrases/primeiras palavras com enunciados completos. Notamos em nossos dados que nesse estágio a criança já é capaz de fazer pedidos, perguntas e produzir respostas mais longas com significado completo, superando os enunciados holófrásticos. Notamos que a partir de um ano e meio a criança começa a arriscar-se nesses enunciados mais longos, juntando duas ou mais holófrases.

Tomaremos, pois, a indagação de Carranzas, Escudero e Brito (1991) para entender que estratégias a criança usa, partindo dos enunciados de uma palavra até chegar a juntar as palavras formando enunciados completos. Os autores questionam por que razão uma criança que dispõe de palavras para referir-se a mais de um aspecto de uma mesma situação, não as combina desde que as adquire? E continuam afirmando que não é muito claro o motivo pelo qual esse passo seja um problema para as crianças pequenas. Segundo os autores, existem dois tipos de estratégias citadas na literatura, das quais as crianças lançam mão quando estão começando a aprender a sua língua: a chamada sintética, construtiva ou bottom-up; e a analítica, de ruptura de amálgamas ou top-down.

Para as crianças que usam a estratégia bottom-up¹ o trabalho feito é com “chunks” ou sequências lexicais mínimas, porém portadoras de carga semântica, que com o tempo se justapõem e se convertem em enunciados maiores e mais maduros. Para as que usam a estratégia top-down, exercem atividades com “chunks” de unidades linguísticas bem maiores, que correspondem a palavras ou frases completas da língua adulta (CARRANZAS, ESCUDERO E BRITO, 1991).

Faz-se necessário lembrar que a maioria das crianças não escolhe ou não lida com apenas uma estratégia, mas sim com múltiplas possibilidades a fim de introduzir-se no seu sistema linguístico.

3. Métodos

O corpus usado nesse trabalho é parte integrante do Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita (LAFE) da UFPB. O laboratório conta com sete díades mãe-bebê compreendendo a faixa etária de 0 (zero) a 36 (trinta e seis) meses de vida das crianças. Esta organização por grupo de díades busca dar mais visibilidade ao funcionamento multimodal ao longo da primeira infância, que corresponde aos três primeiros anos de vida da criança. Nossa díade é formada por uma mãe de classe média, ensino superior completo e mãe de primeiro filho.

Nossos dados correspondem a registros quinzenais feitos em vídeo-cassete, com duração média de vinte minutos cada, gravados em situação naturalística na casa da díade. Para esta pesquisa trabalhamos com a díade C e as sessões transcritas e analisadas compreendem o período de 1;0 a 1;6 da criança, somando um total de 5 sessões, o que dá em torno de 130 minutos.

Além da seleção das filmagens, a coleta de espectrogramas de extratos da fala da criança está organizada por sessões, somando um total de 107 espectrogramas feitos com o software PRAAT. Para

¹ Os autores preferiram chamar tal estratégia de sintética. Nós a chamaremos de bottom-up.

este artigo, entretanto, trataremos com mais detalhes 16 espectrogramas (ver na análise) correspondentes a cada um dos períodos.

4. Resultados

Mostraremos a seguir excertos de cada um dos estágios que mapeamos nos dados do sujeito V, comprovando cada um deles com análises.

4.1. Balbucios e jargões (idade da criança: 1;0.12)

Neste período, a produção do nosso sujeito V. é composta de balbucios e jargões. A maioria das produções acontecem em contextos específicos em que o interlocutor (mãe) conversa com a criança ou chama a sua atenção para um brinquedo ou para a própria conversa. Em nossos dados observamos que o balbucio é composto basicamente por dois tons, L + H ou H + L, ou seja, encontramos produções em tom ascendente e descendente, como podemos ver nos exemplos contidos nas figuras 2 e 3:

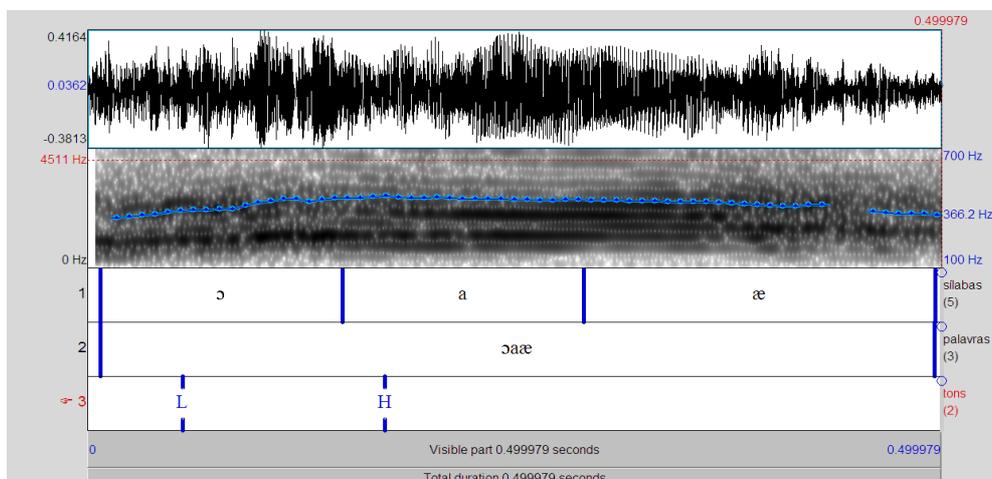


Figura 2 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons.

Fonte: as autoras (2024)

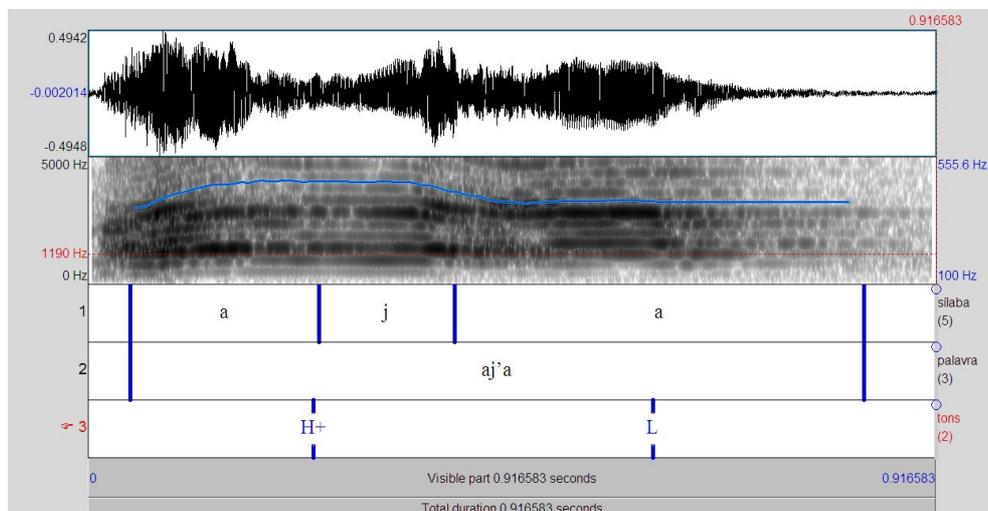


Figura 3 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons.
 Fonte: as autoras (2024)

Já os dados de jargões apresentaram uma variação maior de tons, como podemos ver nas figuras 4 e 5 abaixo:

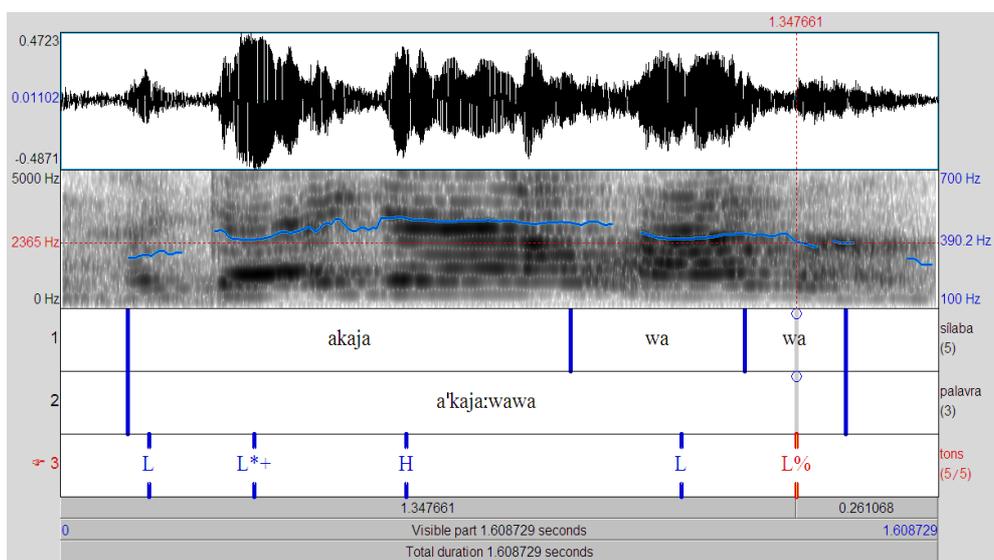


Figura 4 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons.
 Fonte: as autoras (2024)

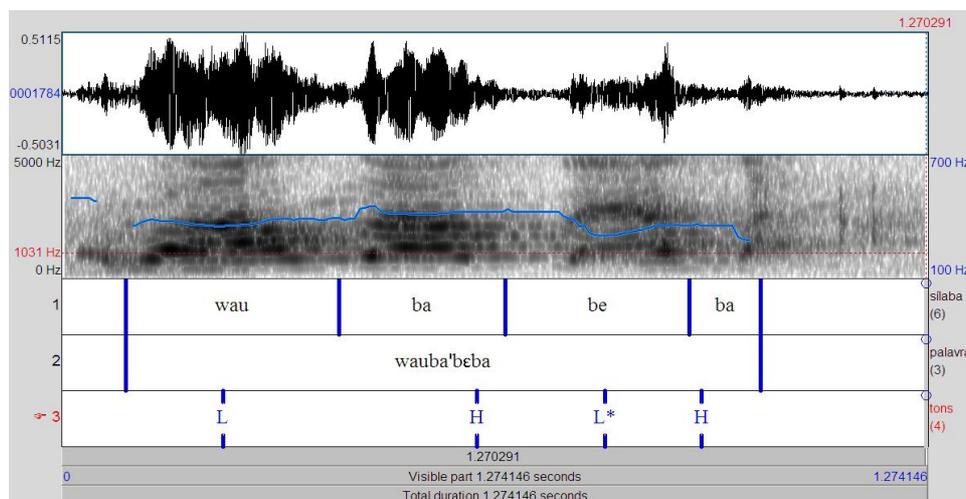


Figura 5 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons.
 Fonte: as autoras (2024)

Em nossos dados encontramos três categorias propostas por Scarpa-Gebara (1984), que dão conta da construção do sistema entonacional do sujeito T. (SCARPA-GEBARA, 1984) e que também podem ser aplicadas para a construção do sistema entonacional de V. As categorias são: (1) vocalizações acompanhando ação; (2) entonação parecida com a de sentenças; (3) formas parecidas com palavras. Discutiremos, portanto, cada uma dessas categorias a seguir.

4.1.1 Vocalizações acompanhando ação

Algumas das produções de V. vêm acompanhadas de ações, e estão ilustradas abaixo (figura 6 e 7):

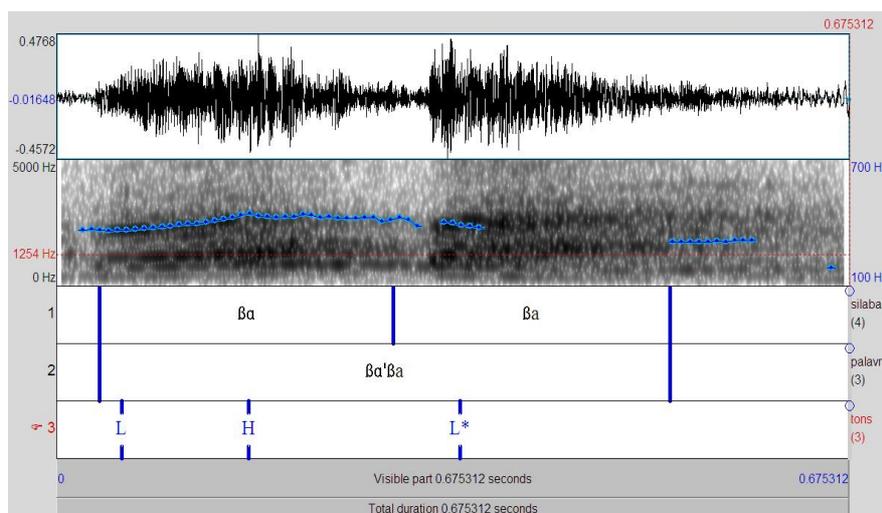


Figura 6 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [BA''BA]
 Fonte: as autoras (2024)

A criança estava com uma caixa nas mãos balbuciando e brincando com ela. Sua mãe tenta lhe dar um beijo e pede um beijo de volta ao que a criança, alternando brincar com a caixa e olhar para sua mãe produz /BA"Ba/.

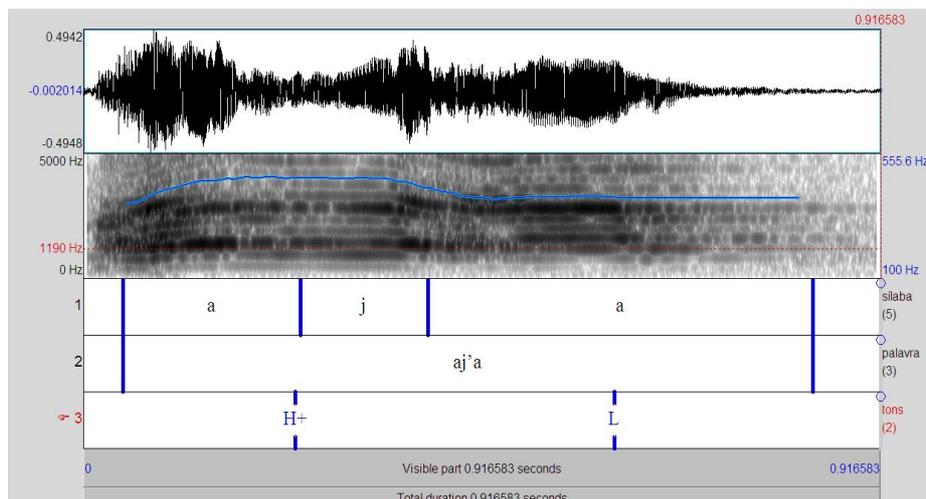


Figura 7 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [aj'a]
 Fonte: as autoras (2024)

O contexto aqui é de um telefonema. O telefone da casa toca e a mãe começa a brincar de telefone com a criança. A mãe conversa ao telefone e depois o passa para a criança, que o segura, olha para câmera, sorri e produz /aj'a/.

4.1.2 Entonação parecida com a de sentenças

Nesta categoria se enquadram os jargões produzidos pelo sujeito V. Segundo Scarpa-Gebara (1984) a entonação aqui tem contorno e ritmo muito parecidos com certos contornos adultos, embora a parte segmental remeta a palavras que não existem na língua da comunidade. Assim, o interlocutor da criança interpreta tais produções como sentenças por causa do segmento prosódico-ritmico. Ver, como ilustração, as figuras 8 e 9.

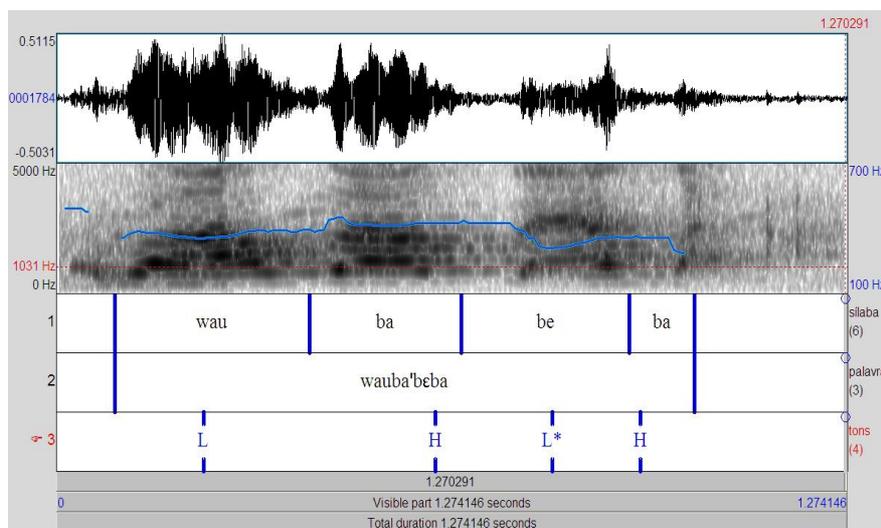


Figura 8 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [wauba'bEba]
 Fonte: as autoras (2024)

Mãe e criança estão brincando com a caixinha e a mãe conversa com o bebê tanto sobre a caixa quanto sobre o telefonema. Depois da produção /wauba'bEba/ a mãe questiona “O que é isso? Hum? Mamãe? Diga, mamãe ou mamãe.”

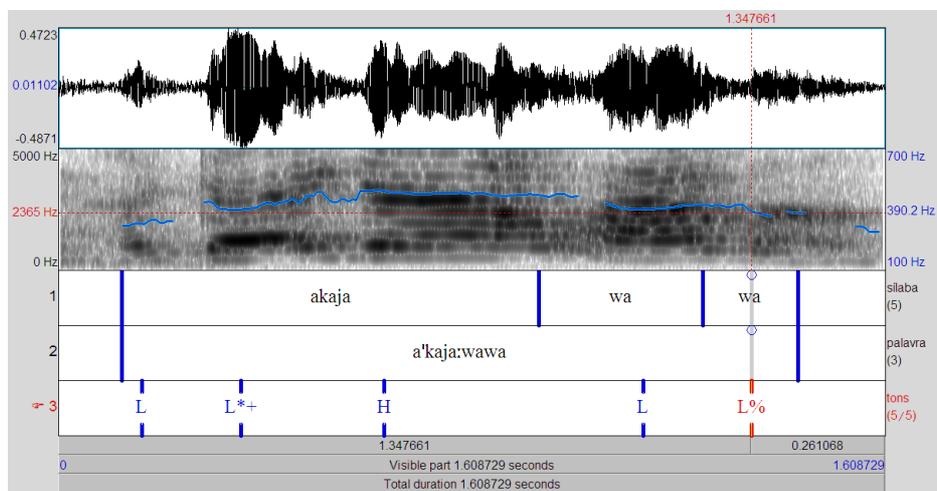


Figura 9 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [a'kaja:wawa]
 Fonte: as autoras (2024)

Mãe e criança ainda estão brincando e conversando. A mãe pergunta se V. quer andar “Hum? Bora andar? Diga, eu não quero mais andar, mamãe, adorei essa caixa!” ao que a criança responde /a'kaja:wawa/ e em resposta a mãe produz “Hum? O que foi? que foi? humm.”

4.1. 3 Formas parecidas com palavras

As formas reconhecidas como palavras começam a aparecer nesse momento nas produções de V. Tais formas demonstram alguma semelhança com as palavras da língua adulta. Geralmente ocorrem em contextos de brincadeiras ou conversas como uma resposta a um questionamento/pedido do interlocutor. Vejamos os exemplos abaixo, nas figuras 10 e 11:

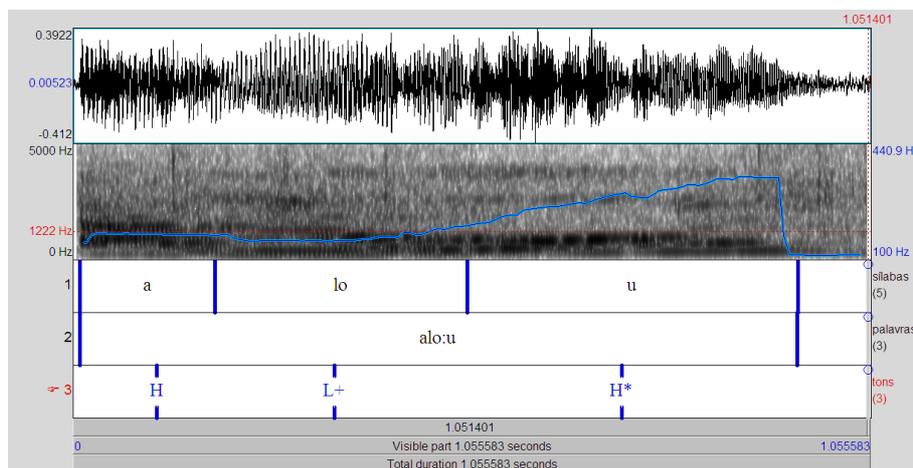


Figura 10 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [a:lo:u]

Fonte: as autoras (2024)

Este /a"lo;u/ foi uma produção materna. O contexto é o seguinte: A mãe começa destacando o fato de o telefone da casa estar tocando. “eita! Telefone. Alou? alou quem fala? Alou.?” Ela está olhando para o chão nesse momento e a criança está de costas para ela. Quando ela diz ‘eita telefone’ o bebê se vira e olha para ela, que está com a mão no ouvido. A mãe diz ‘alou’ enquanto está com a mão no ouvido e a criança coloca a caixa no ouvido e vai se virando, até ficar de costas para a mãe e rodar de volta. A criança olha para ela de novo, põe a caixa no ouvido, começa a rodar com o corpo e produz /aj"a/ ilustrado no exemplo abaixo:

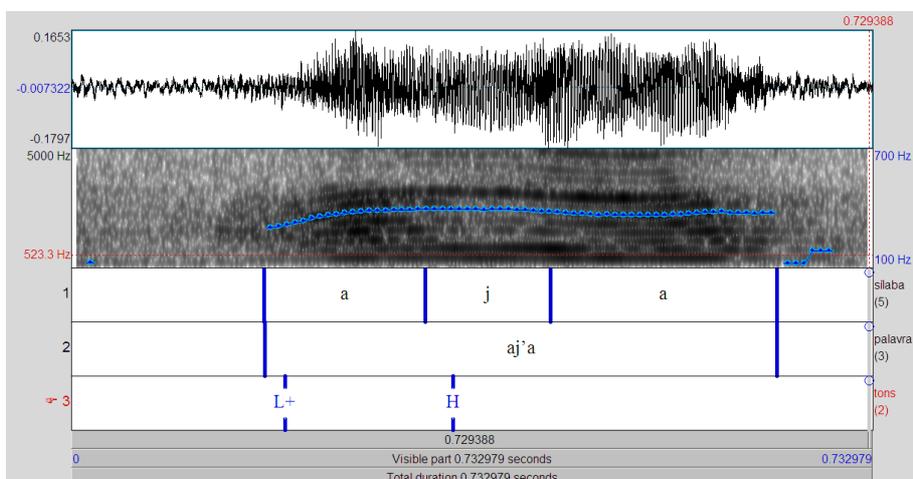


Figura 11 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [aj"a]

Fonte: as autoras (2024)

Após a produção da criança, a mãe dá sustentação à dialogia reforçando a conversa com ela: “alou? É? que foi? quem é v.? quem é?” ao que a criança responde: /a:j"aj/.

Podemos perceber que nosso sujeito, de certa forma, tem seu balbucio padronizado com contornos ascendentes e descendentes e que, assim como afirma Scarpa- Gebara (1984) ele é sensível aos contornos entonacionais da língua a que é exposta. Seu interlocutor, portanto, tende a interpretar suas produções como tendo alguma função dentro da dialogia, já que o contorno entonacional é semelhante ao do seu próprio sistema, mesmo que estes não possuam significado inteligível.

A sequência [aj"a] está exatamente num ponto limítrofe entre balbucio tardio/ jargão /primeiras palavras. Tal período já foi denominado de protolíngua (protolanguage: Halliday, 1975, “um conjunto limitado de vocalizações funcionais simples complementadas por gestos”. É importante lembrar, portanto, que balbucio/ jargão/ primeiras palavras se justapõem durante um bom tempo, como mostram os dados de V.

4.1.2 Primeiras palavras – (1;4.6 a 1;5.5)

As primeiras palavras de V. parecidas com as da língua adulta começam a surgir em torno de 1 ano e 4 meses. Observamos que os contornos de V. mudaram, sendo agora constituídos por mais variações de altura. Nessas primeiras palavras encontraremos sequências mais curtas do que as do jargão, já com um padrão silábico reconhecido como fazendo parte de um léxico primitivo, com formas não marcadas (sílabas V, CV e VC, sendo C um glide). Importante observar que as primeiras palavras têm variação de altura que são reconhecidas como diferentes intenções comunicativas, ou atos de fala: pergunta, afirmação, pedido, etc. e que são recorrentes e produtivas e não mais ou menos efêmeras como os balbucios e jargões. Vejamos as figuras 12 e 13, que ilustram nosso ponto:

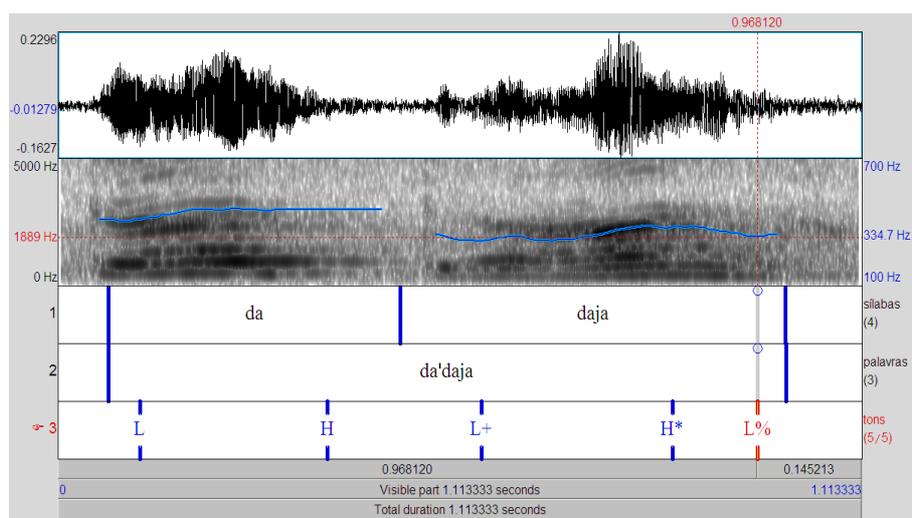


Figura 12 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de [da'daja]

Fonte: as autoras (2024)

Nesta cena a criança está com o pai na sala da casa brincando. O pai da criança diz: “você vai pegar a sandália de quem? De Marianne? Pega a sandália de Marianne.”

Aqui, a criança está com o pai na sala brincando. Ela se vira e aponta com o dedo indicador para o pai, olhando para ele e depois vai em direção a sandália. A criança se apóia numa mesinha e coloca a sandália no pé.

O pai diz: “bote o dedinho, bote o dedinho, bote o dedinho. Ela tá andando com a sandália de vitória, não! De quem? Ela tá andando com a sandália de Marianne!”

A criança então produz: [da" daja]

O pai diz: “traz a sandália pra cá, pra papai ver”.

A criança então olha para o pai e depois olha para a sandália e solta a mesma no chão.

Já em outro exemplo:

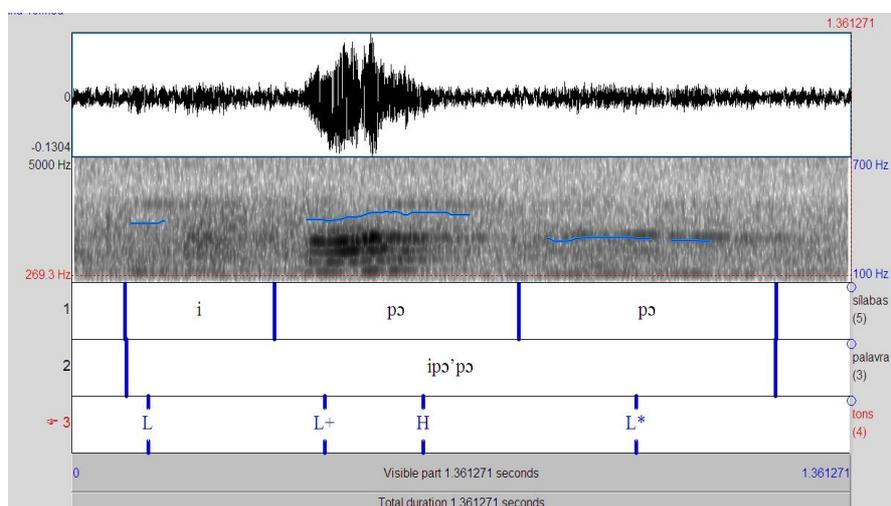


Figura 13 – Forma de onda, espectrograma e marcação de onda de [ipO"pO]

Fonte: as autoras (2024)

Nesta cena a criança está do lado da mãe, sentada na cama. A criança está folheando uma revista, mas para quando escuta a mãe cantar: “hipopó, hipopó, hipopocaré”. A mãe diz: “como é a música? Canta pra mamãe. Hipopó, hipopó, hipopocaré.”

Depois que a mãe canta, a criança produz [ipO"pO] e a mãe volta a cantar a música olhando para a criança.

A mãe então pergunta: “e como é aquela outra? Au au au...”

4.1.3 Blocos de enunciados (1;6.4 a 1;6.25)

Neste período as produções de V. não se limitam a palavras soltas, ela já constrói blocos de enunciados que foram observados como um *continuum* entonacional. Ver figuras de 14 a 16

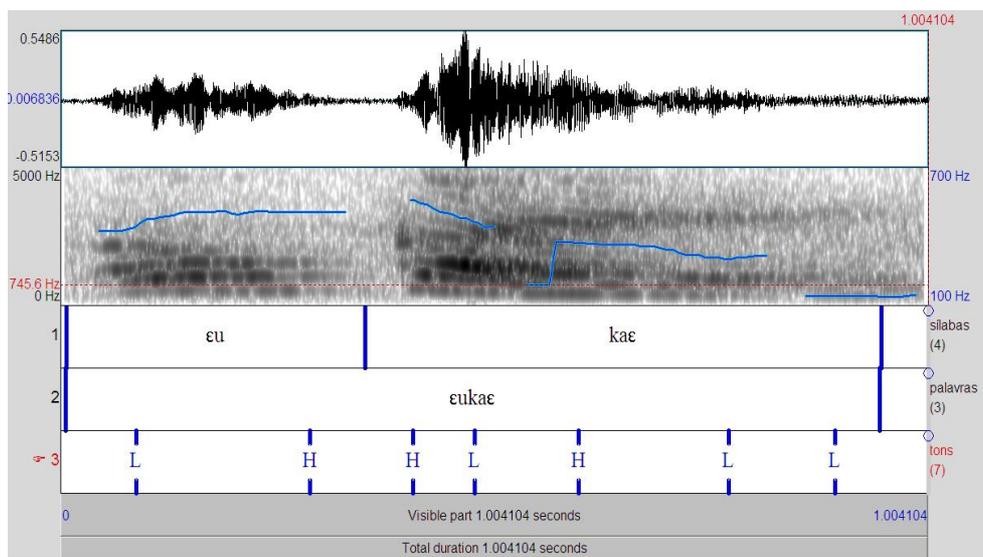


Figura 14 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de: é o hipopocaré [eukaE]
 Fonte: as autoras (2024)

Nesta cena, a mãe está sentada no chão procurando o hipopocaré dentro de uma caixa de brinquedos. E pergunta a criança: “cadê Vi hipopocaré? Cadê? Cadê? não. Cadê hipopocaré? Cadê? Cadê? Onde foi que tu colocasse? Num tô achando.” Em seguida, a mãe pega uma revista (que tem a foto do hipopocaré) e pergunta a criança cadê o hipopocaré, ao que ela responde: é o hipopocaré [eukaE].

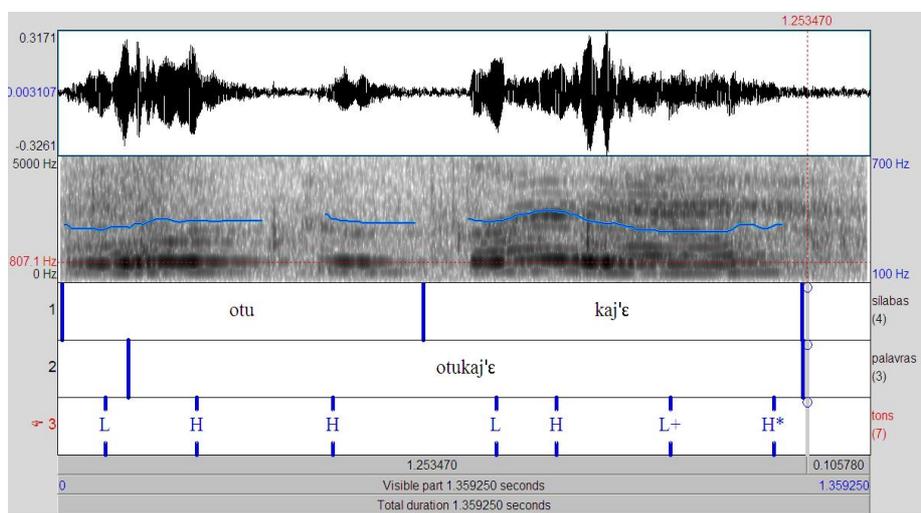


Figura 15 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de: outro hipopocaré [otukaj"E]
 Fonte: as autoras (2024)

Aqui, a mãe pede a criança para pegar o livrinho do hipopocaré: “cade o livrinho de hipopocaré? vai pegar hipopocaré pra mamãe vê contigo. Oh hipopocaré ali. O oto” ao que a criança diz: outro hipopocaré [otukaj"E].

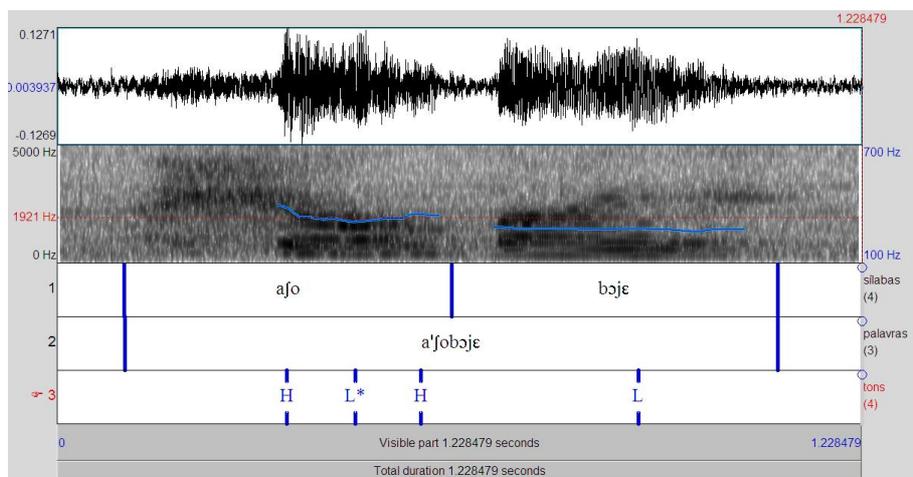


Figura 16 – Forma de onda, espectrograma e marcação de tons de: achei a bola [a'SobOjE]
 Fonte: as autoras (2024)

Nesse momento a mãe está perguntando “o que é isso?” para várias coisas (sol, gato, uva, etc) que são gravuras de um livro. Ao mudar a pergunta para “cadê?” a mãe pergunta: “cadê a bola?” ao que a criança responde: achei/achou a bola [a'SobOjE].

Com os exemplos acima é possível perceber que a entonação surge como um *continuum*, já que V. forma pequenos blocos de enunciados, como optamos por chamar tais enunciados, em que a sintaxe não é clara. Isso nos possibilita observar, por exemplo, que a criança é realmente sensível ao acento nuclear desde cedo, como pudemos constatar a partir da entonação e análise dos extratos acima.

Vejamos agora um apanhado geral da aquisição entonacional do sujeito V.

4.2 Quadro do sistema entonacional de V.

A partir dos dados expostos acima, optamos por fazer um apanhado dos tons de V. por cada período de aquisição, a partir de 1;4. Não podemos usar as marcações de tons com o balbúcio e com o jargão, porque não há como marcar as sílabas que portam acento primário, próprias de um vocabulário da língua da comunidade. Assim, poderemos perceber a aquisição gradual dos tons ao longo do período que analisamos de desenvolvimento entonacional do nosso sujeito. Vejamos o quadro abaixo:

Idade	Palavra (criança)	Notação (fonologia entonacional)	Transcrição cursiva (interpretação do adulto)
1;4	"daja	L+ H* L%	Sandália
	Odi"toja	L +H H* +L	De Vitória
	tio:	L H+ L*	Tirou
	de"d~iu	L H*+ L	Dedinho
	Aiu	H+L	Caiu
	Aiuka"~i:u	L+H L H+ L	Saiu do cavalinho
po""Si:u	H H*+L	Vovó saiu	

	a"bi:u	L+ H*	Abriu
	bO"t~i:u	L L+H	Bote o dedinho
	da"daja	L H L+H* L%	Sandália
	O"wO	L+H*L	Vovó
	pa"paj:	H+L H*	Papai
1;5			
	pO"pA	L+H HL	Hipopocaré
	ipO"po	L L+HL*	Hipopocaré
	i"pOpo	HL*+HL	Hipopocaré
	k@i:u	H+L	Caiu
	Ao:	L+H	alô
1;6.4	kaj"E	H L+H*	Hipopocaré
	pOkaj"E	LHL+H*	Hipopocaré
	@pOkaj"E	LHH*+L	Hipopocaré
	Eukaj"E	LHH+L*	É o hipopocaré
	Opuni"nāni	HH*LL	Olha Marianne
	otukaj"E	LHLHL*	Outro hipopocaré
	eu"Sou	LHH*+L	É o sol
	u"sOu	HL	O sol
	Āma	H+L	Amo
	Iau	H*L%	Miau (gato)
	a"SobOjE	HL*HL	Achou a bola
	Aua	LHL*H	A uva
	a"SoibOja	H*H+LL%	Achou a bola
	"badi	HH*+LH%	balde
1;6.25	ti"tO:já	HL+H*L%	Vitória
	mA"mA:j	L+H*+L%	Mamãe
	tE"tE:	H+L*	Dedé (André)
	kā"da	HL+H*	Cândida
	tE:u	HLH*	Theo
	a:fa	HL+H*	Rafa
	tE"tE:	HLH*	Dedé
	pi:l"pĪ	H+LH*	Felipe
	kai:u	HH*L	Caiu
	A~uJA	HH+L	A unha
	ge:j"za	L+HH*	Geiza
	habo"si	L+HH*L%	Acabou-se
	"patu	L*+H	Pato
	a"te:j	LHH*L	Achei
	"fu:la	H*L	Flor/folha
	a"se:j	LH	Achei
	"tōJa	H*LH	Toma
	ao"ta	HLH+L*	A outra
	ke"nau	HL*	Quero não
	Eti"tOja	LHH*+L	É de vitória
	vi"tOja	HH*+L	De Vitória
	A:"ki	LH*L	Aqui
	pE	L+H	Pé
	pa"pelo	HH*+L	Cabelo
	pO"lojo	LH*+LH	Olho
	a"boka	HL*	A boca
	"biku	LH*HL	Umbigo
	"peto	H*L	Peito

	ka"nau	HL*	Quero não
	maria"ma:ni	LHL+H*H%	Marianne
	pokoj"E	HH+L*	Hipopocaré
	"ku:ku	H*LH	Suco
	pa"paj	HH*+L	Papai
	a"bOla	HH*+L	A bola
	kOj"a	H*+L	Colar

Tabela 12 – Representação dos tons de V.

Legenda: (*Sílabas portadora do acento | % tom do fim do contorno | ! mudança, para baixo, da curva melódica)

Fonte: as autoras (2024)

Assim, na a evolução dos tons do nosso sujeito percebemos que os primeiros traços do sistema de entonação foram ascendentes ou descendentes, sem identificar a sílaba com acento primário, pois não eram característicos de uma comunidade de fala. Em nossos registros, apenas com 1;4 as primeiras palavras da criança foram identificadas como distintos tipos de discurso, como perguntas ou pedidos. Aos 1;6 da criança, observou-se uma alteração na altura (em termos de F0) do tom H em relação ao tom anterior e a ampliação dos tons, com variações ascendentes, descendentes, ascendentes-descendentes e descendentes-ascendentes.

Conclusão

Este artigo buscou tratar do primeiro sistema entonacional a aparecer na fala do sujeito V. em quatro momentos do funcionamento da fala infantil, caracterizando-os e relacionando a emergência de cada um dos momentos com a produção materna. Propomos, portanto, quatro estágios de desenvolvimento: balbucio, jargões, primeiras palavras reconhecíveis e blocos de enunciados, a fim de observar as mudanças na fala da criança.

Baseamo-nos em autores que estudaram o desenvolvimento da fala infantil e nossos estágios foram propostos com o objetivo de dar conta do que encontramos nos dados, pois cada um dos estágios reflete o momento vivido pelo sujeito V. Dessa forma, ressaltamos que cada estágio não acontece de forma estanque, isto é, o balbucio acontece primeiro para depois aparecem os jargões, por exemplo. Eles são, portanto, concomitantes, como nos mostrou a tabela 12, pois mesmo quando a criança já está no último momento (blocos de enunciados), produções do balbucio ainda ocorrem ainda que em frequência menor.

Assim, para que o mapeamento do desenvolvimento entonacional da criança fosse possível, descrevemos e transcrevemos sessões de filmagens de interação mãe-bebê, filmadas quinzenalmente e a partir do banco de dados criado, restringimos nosso foco para os dados do período de 1;0 a 1;6 de vida da criança. Com esses dados, selecionamos as produções de melhor qualidade no software PRAAT e analisamos os dados a partir dos espectrogramas e do contorno entonacional de cada dado.

O período de 1;0- 1;6 se justifica tanto por abranger o início das produções infantis quanto por ser só a partir dessa faixa de idade que encontramos dados produtivos e relevantes para nossa

pesquisa. Assim, nosso trabalho optou por um estudo longitudinal e qualitativo, visto que nos propomos acompanhar o desenvolvimento prosódico da criança e fazer um mapeamento de seus primeiros contornos entonacionais. Não foi nosso objetivo, entretanto, descrever as pistas prosódicas da fala da mãe/pai, embora assumamos as hipóteses, análises e conclusões de Cavalcante (1999) sobre as modulações da fala e pistas prosódicas da fala materna como via de inserção e sustentação da criança na língua.

Destacando cada um dos momentos de produção da criança, vimos que mesmo no estágio de balbucio, a criança não produz sílabas isoladas, pois estas possuem um contorno melódico, indicando que a criança trabalha com os domínios prosódicos desde muito cedo. Além disso, vimos nos jargões um amadurecimento na estrutura entonacional da criança passível de ser interpretada pelo adulto, já que remete à entonação de sentenças de sua comunidade linguística, apesar da falta de léxico inteligível nesse continuum.

Vimos que as produções de balbucio com o tempo diminuem e que por volta de 1 ano a criança começa a produzir enunciados mais parecidos com os da sua comunidade linguística, entretanto, observamos que a criança não parou de desenvolver seu sistema entonacional para adquirir léxico, mas que ela continuou a construir uma gramática prosódica, trabalhando de cima para baixo na hierarquia, ao passo que foi adquirindo categorias e o léxico de sua língua.

Destacamos, portanto, a importância do manhês nesse processo, visto que é a partir de pistas prosódicas na fala adulta dirigida à criança que esta recorta a fala materna e estrutura a sua fala, se inserindo na língua. Defendemos, assim, que são as mudanças características deste tipo de fala, tais como F0 mais elevado, prolongamento de sílabas, entonação exagerada, dentre outras, que atraem a criança e a guiam para os caminhos da língua.

Ao fazer a análise do desenvolvimento de tons de nosso sujeito, observamos que os primeiros contornos do sistema entonacional de V. foram do tipo ascendente ou descendente, não sendo possível, entretanto, marcar a sílaba portadora do acento primário nesses enunciados, por não serem reconhecíveis como próprios de uma comunidade de fala. Em nossos dados, só com 1;4 as primeiras palavras da criança tiveram variação de altura reconhecidas como diferentes atos de fala, tal como pergunta, pedido etc. Aos 1;6 da criança foi possível detectar um “achatamento” (!H) do nível (em escala de F0) de um tom H em relação a outro tom precedente e a expansão dos tons, com variações ascendentes, descendentes, ascendentes-descendentes e descendentes-ascendentes.

Como vimos, a prosódia inicial da criança é rica e já se encontra submetida ao funcionamento de sua língua materna. As primeiras palavras reconhecíveis e interpretáveis como tais, produzidas pela criança, já destacam um sistema primitivo entoacional com contrastes na direção de curva de F0 (ascendente, descendente, nivelado), no âmbito de altura (tessitura), como mostramos acima (ver também, CAVALCANTE; SCARPA, 2022). Perspectivas como a deste artigo, ancoradas numa perspectiva dialógica e interacional, mostram como a criança vai construindo, ao longo dos processos interativos, seus primeiros sistemas entoacionais.

Informações complementares

Avaliação

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v23i2.2227.R>

Editoras

Luma Miranda

Afiliação: Universidade Eötvös Loránd

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5529-0338>

Manuella Carnaval

Afiliação: Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4321-5859>

Carolina Gomes da Silva

Afiliação: Universidade Federal da Paraíba

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1490-0814>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliadora 1: Maristela da Silva Pinto

Afiliação: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0385-9534>

Avaliador 2: Vitor Gabriel Caldas

Afiliação: Universidade Federal do Rio de Janeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1934-9072>

AVALIADORA 1

Prezados.

Após a leitura atenta deste capítulo, destaco (i) a qualidade e a relevância da pesquisa realizada no âmbito dos estudos prosódicos; (ii) a escrita fluida, clara e objetiva do texto, com marco teórico consolidado, apresentando referências bibliográficas atuais e de autores renomados da área; (iii) a metodologia embora concisa, apresentou o corpus do estudo e o software usado nas análises, talvez

nesse momento seria pertinente indicar como etiquetou o sujeito investigado e também como analisou os dados a fim de tornar o texto mais elucidativo para o leitor; (iv) a apresentação dos resultados foi satisfatória, as figuras padronizadas, legíveis, intituladas e numeradas adequadamente.

Como pontos a melhorar, indico (i) inserir uma apresentação breve da metodologia no resumo e nas palavras-chave constar a palavra criança, porque é importante delimitar. Desse modo, sugiro colocar “aquisição de linguagem de criança”; (ii) na página 8, há um verbo a mais no parágrafo 3, truncando a compreensão dele. Sugiro retirar “temos” e deixar apenas “mostra”; (iii) ainda na página 8, não compreendi bem a tabela 1, inclusive há a segunda linha a qual se encontra em branco. Não sei se está incompleta, se seria assim mesmo, construir um parágrafo mais elucidativo acerca de sua função; (iv) na página 13, a legenda da figura 2 está incompleta. Solicito também, nessa figura, rever a atribuição dos tons, falta o “+”; (v) na página 16, a legenda também está incompleta; (vi) inserir um texto resumitivo ao final do quadro 42, na página 27, uma vez que faltou discutir brevemente esse quadro, além de ser incomum terminar uma seção com um quadro e nada mais.

No mais, só posso felicitar às pesquisadoras pela investigação desenvolvida e recomendar, após esses ínfimos ajustes, a publicação desse capítulo na revista.

AVALIADOR 2

O artigo “Aquisição prosódica inicial: uma proposta de estágios” analisa o desenvolvimento entoacional de um sujeito criança a fim de defender uma proposta de quatro estágios (balbúcio, jargões, primeiras palavras e blocos de enunciado) na aquisição prosódica. O estudo utiliza metodologia qualitativa fazendo uma análise longitudinal de dados acústicos e entoacionais da interação entre mãe e bebê durante o período de 1;0 a 1;6 anos de idade da criança. De forma geral, o artigo está bem escrito e organizado, embora necessite de alguns ajustes de texto. Todas as minhas sugestões estão comentadas no arquivo que segue anexo.

Com relação à parte estrutural do trabalho:

1. o título é adequado à proposta do estudo;
2. o resumo contém objetivo, metodologia e resultados;
3. a introdução combina com o objetivo apresentado no resumo;
4. a metodologia explica detalhadamente as etapas do processo de coleta dos dados;
5. os resultados são analisados e discutidos de forma clara;
6. as conclusões retomam os resultados obtidos relacionando-os ao referencial teórico apresentado anteriormente.

O estudo traz resultados relevantes para a área de aquisição da prosódia e contribui para expandir o conhecimento acerca do tema, que ainda é tão pouco explorado no Brasil. Portanto, recomendo a publicação do artigo após as revisões sugeridas.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflito de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela Equator Network, consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

REFERÊNCIAS

BALOG, H. L.; ROBERTS, F. D.; SNOW, D. Discourse and intonation development in the first-word period. *Enfance*, nº3, 2009 p. 293- 304.

CARRANZAS, J. A. et al. De las palabras aisladas a las combinaciones de palabras. Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidad de Murcia, Murcia (España). *Anales de psicología*, 1991, 7 (2), 163-180.

CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CAVALCANTE, M. C. B.; SCARPA, E. M. Prosódia e Aquisição da Linguagem. In: OLIVEIRA JUNIOR, M. Prosódia, prosódias: uma introdução. Contexto, 2022, p.

CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CRUTTENDEN, A. *Intonation*. Cambridge University Press. 2 ed. 1997.

D'ODORICO, L. Non-segmental features of prelinguistic communication: an analysis of some types of infant cry and non-cry vocalizations. *Journal of Child Language* 11, 1984, p. 17-27.

DROMI, E. *Babbling and early words*. In: SALKIND, N.J.(ed). *Child development*. Macmillan psychology reference series. MCMillan, 2002.

FERNALD, A. KUHL, P. Acoustic determinants of infant perception for motherese speech. *Infant Behavior and Development*, 10, 1987.

GRICE, M.; BAUMANN, S. *An introduction to intonation: functions and models*. In: J. Trouvain, Jürgen, U. Gut Non-Native Prosody Phonetic Description and Teaching Practice New York Mouton de Gruyter, 2007.

HART, J.'t; COLLIER, R.; COHEN, A. *A Perceptual Study of Intonation: An Experimental-Phonetic Approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

KAPLAN, P.S. BACHOROWSKI, J. SMOSKI, M. J. HUDENKO, W. J. Infant of depressed mothers, although competent learners, fail to learn in response to their own mother's infant-directed speech. *American Psychological Society*, v.2, n.3, 2002.

LOCKE, J. L. *Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada*. In: P. FLETCHER; B. MACWHINNEY (eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Trad. M. A. G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre, 1995.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co. 1986.

OLLER, D. K. *The emergence of the sounds of speech in infancy*. In: Yeni-Komshian, Kavanaugh; Ferguson, 1980, p. 93-112.

OLLER, D. K.; EILERS, R. 1982. Similarity of babbling in Spanish- and English- learning babies. *Journal of Child Language* 9: 565-77.

OLLER, D. K.; EILERS, R. *A aquisição da prosódia: dupla face, dupla vocação*. In: Em-Tom-Ação: a prosódia em perspectiva. AGUIAR, M.A.M. MADEIRO, F. (orgs). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

OLLER, D. K.; EILERS, R. *Sons preenchedores e guardadores de lugar: relações entre fatos sintáticos e prosódicos na aquisição da linguagem*. In: SCARPA, E. (org) *Estudos de Prosódia*. Campinas: UNICAMP, 1999.

OLLER, D. K.; EILERS, R. *Learning External Sandhi: Evidence For A Top-Down Hypothesis Of Prosodic Acquisition*. In: GALA'97 Conference on Language Representation and Processing, 1997. Proceedings of GALA'97 Conference on Language Acquisition: Knowledge Representation and Processing. Edimburgo, Escócia.

SELKIRK, E. *The Syllable*. In: HULST; SMITH. (eds.). *The Structure of Phonological Representations (Part II)*. Dordrecht Foris. 1982, p. 337-383.

SNOW, K. *Mothers' speech research: From input to interaction*. In C.E. Snow & C.A. Ferguson (Eds.), *Talking to children: Language input and acquisition*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1977.

TOMASELLO, M. *Acquiring linguistic constructions*. In: KUHN, D.; SIEGLER, R. (eds.), *Handbook of Child Psychology*. New York: Wiley, 2006.

VIHMAN, M. M; VIHMAN, V. *From first words to segments: A case study in phonological development* In: Arnon, Inbal and Eve V. Clark (eds.), *Experience, Variation and Generalization: Learning a first language*. 2011, p. 109-134.